

FUTURO EM DISPUTA: JUVENICIDIO E ESPERANÇA

Future in dispute : Juvenile and hope

<https://orcid.org/0000-0003-4903-4183> Maria Beatriz Lugão Rios^A
<https://orcid.org/0000-0002-8686-9844> Marcia Soares de Alvarenga^B

^A Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

^B Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 06 Abr. 2026 | Aceito em: 28 Mar. 2026

Correspondência: Maria Beatriz Lugão Rios (beatrizlugao@bol.com.br)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo avaliar futuros em disputa para a juventude periférica nos tempos atuais, confrontando elementos contraditórios na realidade em curso. Tem como lastro teórico o materialismo histórico dialético desenvolvido por Karl Marx, onde teoria e prática se entrelaçam em uma dinâmica tendo como fio condutor a construção da história através da ação do homem. Contextualiza-se, apontando as vertiginosas mudanças no mundo do trabalho, da política e da cultura, bem como o aprofundamento das desigualdades sociais que atingem, em particular, jovens de periferias urbanas. Discute o território como *lôcus* do desenvolvimento das lutas oriundas das contradições do processo em curso, à luz da concepção de espaço socialmente construído de Lefebvre, Harvey e Milton Santos. Apresenta dados econômicos, sociais, educacionais e culturais da cidade de São Gonçalo onde jovens sem escola e sem trabalho têm o seu futuro interditado pelo Juvenicídio (Valenzuela, 2015) programado. Por fim, aponta algumas ações de resistência e de criação de futuros alternativos pelos jovens da cidade.

Palavras-Chave: juvenicídio; jovens sem escola e sem trabalho; educação e trabalho.

Abstract

This article aims to evaluate contested futures for marginalized youth in current times, confronting contradictory elements in the ongoing reality. Its theoretical foundation is the historical dialectical materialism developed by Karl Marx, where theory and practice intertwine in a dynamic guided by the construction of history through human action. It contextualizes the issue by pointing to the dizzying changes in the world of work, politics, and culture, as well as the deepening social inequalities that particularly affect young people from urban peripheries. It discusses territory as the locus of the development of struggles arising from the contradictions of the ongoing process, in light of the conception of socially constructed space by Lefebvre, Harvey, and Milton Santos. It presents economic, social, educational, and cultural data from the city of São Gonçalo, where young people without school and without work have their futures thwarted by programmed "juvenile" (Valenzuela, 2015). Finally, it points to some acts of resistance and the creation of alternative futures by young people in the city.



2026 Rios; Alvarenga. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Keywords: juvenicide; young people without school and without work; education and work.

O tempo do futuro interrompido

Todas as relações fixas e enferrujadas, com o seu cortejo de vetustas representações e intuições, são dissolvidas, todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo o que era dos estados [ou ordens sociais — ständisch] e estável se volatiliza, tudo o que era sagrado é dessagrado, e os homens são por fim obrigados a encarar com olhos prosaicos a sua posição na vida, as suas ligações recíprocas.

Karl Marx e Friedrich Engels, Manifesto do Partido Comunista, 1890.

Caminhamos para a quarta década do século XXI em um mundo marcado pelas vertiginosas transformações no mundo do trabalho, da política e da cultura que têm atingido sobremaneira jovens pobres¹. Especialmente no mundo do trabalho, as novas tecnologias modificam a produção, substituindo grande parte do trabalho humano, “queimando” empregos, requerendo diferentes habilidades para os postos de trabalho existentes, além de moldar as novas dinâmicas de consumo.

Na política, a luta pela hegemonia econômica no mundo resulta na escalada de conflitos armados, de intervenções militares, de genocídios programados, de invasões, sequestros e assassinatos de presidentes, remodelando as dinâmicas de alianças tanto entre os países quanto em suas forças internas. O mundo pós-segunda guerra mundial, com suas organizações mediadoras, parece derreter.

A cultura, capturada pela dinâmica da mercantilização, transforma-se com o domínio do mundo digital, da realidade virtual, dirigida por grandes corporações. É onde o avanço do que tem sido denominado “extrema-direita” resulta em milhões à frente da defesa da retirada de direitos da população, sejam eles no campo do atendimento e serviços (como saúde, educação, transporte, moradia e outros) ou no campo da participação.

Assim, as desigualdades sociais se aprofundam na mesma velocidade das transformações econômicas, políticas e culturais. E, apesar das variadas formas e ritmos com

¹ Toma-se de empréstimo a categoria pobre em Martins (1993, p. 146), em que são atingidos “desde a miséria da fome até a ausência de justiça e de direitos”, resultado da acumulação da pobreza necessária à acumulação do capital.

que as desigualdades se apresentam nos diferentes territórios, guardam o DNA² da exclusão de grupamentos humanos numerosos, seja pela condição de classe, pela etnia, pela identidade sexual ou gênero.

Destaca-se, nesse cenário de exclusão, a juventude trabalhadora, principalmente a dos territórios periféricos. Excluída do direito aos elementos básicos da vida urbana, finda por ser excluída também do direito a planejar seu futuro, sendo capturada pelo imediatismo do tempo presente, tempo lastreado no consumo, na competição, no padrão de beleza, na religiosidade funcional, na popularidade fugaz das mídias sociais, entre outros elementos. Assim, a exclusão no binômio educação/trabalho, torna-se mais cruel ainda, inclusive quando o senso comum aponta a exclusão como culpa do excluído e os denomina “nem-nem” (nem estudam, nem trabalham).

Mota (2018), em um extenso trabalho sobre os denominados jovens que nem trabalham e nem estudam no Brasil³, nos demonstra que o fenômeno não é novo e tem variação tanto no tempo como nos países. Em 2010, havia 260 milhões em um total de 1,19 bilhão de jovens entre 15 e 24 anos, uma taxa global de 22,4%. Na América Latina, 1 em cada 5 jovens não estudavam nem trabalhavam. O fenômeno encontra-se presente, em maior ou menor grau, em todos os países, compondo a dinâmica da sociedade urbano industrial do modo de produção social do capital.

No Brasil, em 2024, segundo o levantamento “Education at a Glance” 2025 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico- OCDE⁴, 24% dos jovens estão fora do sistema educacional e do mercado de trabalho, bem acima da média dos países membros da OCDE que é de 14%. Somente a Turquia, a Colômbia, e a África do Sul tem um percentual maior.

A privação do direito ao saber acumulado e sistematizado pela humanidade através da escolarização e do direito à sobrevivência através do trabalho remunerado e protegido socialmente, se apresentam como uma interdição do futuro, e, portanto, como mais uma face do Juvenicídio. O Juvenicídio é um conceito trazido à luz por Valenzuela (2015) e que traduz

² A analogia se dá por ser o Ácido Desoxirribonucleico a molécula que carrega informações genéticas de todos os seres vivos, sendo, portanto, uma molécula fundante.

³ O termo é refutado por diversos autores. As presentes autoras utilizam o termo sem escola e sem trabalho para designar os jovens na situação de não frequência escolar e sem emprego.

⁴ iii https://www.oecd.org/en/publications/education-at-a-glance-2025_1c0d9c79-en.html, acesso em 23 de março de 2026

as ações sistemáticas de exclusão social dos jovens da classe trabalhadora. São ações constantes que produzem a interdição de seus futuros, não se tratando somente de sua eliminação física.

Às duas ordens das questões vividas de forma aguda pela juventude trabalhadora apontadas anteriormente (a reestruturação produtiva e o aprofundamento da desigualdade social) soma-se uma terceira, trazida por Lefebvre (2001), Harvey (2016) e Milton Santos (1993). Tais autores, entre outros, concebem o espaço sob a ótica da dinâmica das relações sociais, avançando nas análises do desenvolvimento e das possibilidades do espaço urbano na (re)produção do capital. É no espaço social que as duas ordens apresentadas anteriormente se materializam e constituem o cenário onde se desenrola o Juvenicídio e as lutas cotidianas pela sobrevivência.

Ainda segundo Lefebvre (2001) a cidade do capital é um palco de lutas globais, tendo cada uma sua história de construção, lutas e resistências, o que a torna uma particularidade dentro da totalidade. Nesse espaço habita gente real, que na relação cotidiana com as contradições sociais, os limites de acesso aos direitos e as possibilidades de vida que lhes são subtraídas, constituem sociabilidades, interpretações, alternativas, caminhos, expectativas e sonhos que vão também redesenhando o próprio espaço e suas relações, seja no sentido da manutenção da ordem ou de seu questionamento.

Então, para falarmos do Juvenicídio programado que envolve os jovens da classe trabalhadora sem escola e sem trabalho e que interrompe seu futuro, iniciaremos por apresentar um pouco de um dos territórios e sua gente, não sem antes discutir o que é o espaço produzido socialmente. Segue-se a apresentação de algumas marcas do Juvenicídio na cidade, incluindo educação e trabalho. Então, por último serão pinceladas as resistências e espaços de esperança tecidos no calor das batalhas cotidianas.

O território social de São Gonçalo e o direito à cidade

O território é um espaço produzido socialmente, sendo parte da totalidade das relações sociais, configurando-se pela ação dos homens em sua busca pela reprodução da existência, em determinado tempo histórico. A ocupação do espaço, e as relações que a determinam, deve ser analisada à luz de seu momento histórico, e este como um resultado de construções anteriores que

permanecem vivas nas relações de poder, na economia, na cultura, nos hábitos, nos símbolos e também em suas possibilidades não efetivadas e as que ainda estão em curso.

O modo urbano de viver, constituído por códigos sociais e culturais, segundo Lefebvre (2001), comporta sistemas de objetos e sistema de valores, e é constituído por elementos próprios. As cidades, como territórios construtores de conhecimentos, de sociabilidades e cultura, são uma grande escola. As trocas humanas, em seus espaços constituídos, são o processo de formação que extrapola os espaços das instituições formais. Essas trocas humanas alimentam-se das simbologias, dos pensamentos, dos movimentos culturais, das sociabilidades que se desenrolam no espaço e no tempo. As cidades são um organismo vivo, repleto de escolhas, de heranças, de símbolos, de mediações, de alternativas de futuro.

As escolas, as praças, as igrejas, entre outros, são espaços de convivência em constante transformação pelos que os frequentam. São espaços de formação, de troca de experiências, de construções de alternativas de vida. A presença desses espaços é sentida, e a falta é reclamada. Pela sua visceral importância na vida cotidiana, esses espaços tornam-se moedas de troca na disputa de poder, seja em eleições parlamentares ou mesmo na constituição de poderes paralelos. Os serviços de saúde, judiciários, cartoriais, assim como a mobilidade urbana e o acesso à comunicação, são distribuídos de forma desigual na cidade, tornando-se demanda e motor de lutas.

As cidades na sua pedagogia, também, se apresentam como possibilidades e como limites. Como possibilidades, nas alianças potenciais e ações dos sujeitos coletivos na contestação de suas contradições e na busca do acesso aos direitos constituídos em seu espaço, na construção do novo. Como limites, na materialidade das relações de poder e força que atuam na manutenção da ordem social e econômica.

Esse território conflituoso é habitado por milhares de trabalhadores que tem o desafio cotidiano de acessar, no tempo presente, os serviços e bens materiais e simbólicos que o espaço urbano constitui. A luta pelo direito à cidade, discutida por Lefebvre, traz à tona a luta por direitos nos territórios. E, marcadamente nos dias atuais, de forma aguda, põe em foco a luta da juventude pelo direito ao futuro.

A cidade de São Gonçalo, pela sua herança histórica, pelo seu tamanho populacional, territorial e urbanização desordenada, é uma vitrine de mazelas humanas coletivas e de ataques aos direitos da população, mas também é lugar de potência social e de múltiplas possibilidades

de futuros. É nela que também se desenrola a tragédia cotidiana de jovens sem trabalho e sem escola, bem como as estratégias de sobrevivência e resistência criadas por eles.

São Gonçalo situa-se na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE,⁵ segue como o terceiro Estado mais populoso do país, atrás de São Paulo e Minas Gerais. A Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro é a segunda maior área metropolitana do Brasil, a terceira maior da América do Sul e a 16ª do mundo, concentrando cerca de 75% da população do Estado.

A cidade de São Gonçalo expressa um tipo de processo de urbanização sem planejamento e com profunda desigualdade social, como tantas cidades no Brasil. Sua particularidade, no entanto, se materializa no grau de contradições resultantes de sua história econômica, social e política. Podemos destacar três elementos que constituem a particularidade da cidade de São Gonçalo: sua densidade populacional, seu processo de desindustrialização e o processo de transformação da religiosidade, com o avanço do setor evangélico. Essas três características são constituintes da dinâmica da cidade, somadas as relações políticas comuns à Baixada Fluminense, e se encontram imbricadas em seu cotidiano.

A particularidade histórica de São Gonçalo em relação a outras cidades da região metropolitana pode estar no grau de concentração da variedade de determinantes culturais, políticos e econômicos que a constituem. Bairros em áreas consideradas rurais convivem e dialogam com bairros intensamente urbanos, precarizados e violentos. Uma cidade formada por milhares de gentes de outras regiões do país, marcadamente do Nordeste. Uma população jovem com grande peso. Lugar de ausências e atrasos, da pobreza e do descaso (VIANA, 2019, p. 28).

A formação de São Gonçalo é resultante de um processo de constituição de territórios periféricos próprios da dinâmica capitalista, como nos aponta Lefebvre

Este é o caso geral das cidades da América do Sul e da África, cidades cercadas por uma vizinhança de favelas. Nessas regiões e países, as antigas estruturas agrárias se dissolvem; camponeses sem posses ou arruinados afluem para as cidades a fim de nelas encontrar trabalho e subsistência. (LEFEBVRE, 2011, p.17)

Os números atuais apresentados pelo IBGE confirmam a herança histórica do processo de constituição do território capitalista periférico. Em 2024, a cidade de São Gonçalo ainda mantém a posição de segunda maior em população do Estado do Rio de Janeiro, mas deixou

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/populacao-brasileira-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-estima-ibge>.

de ser a décima sexta do país para ser a décima oitava. O IBGE⁶ nos apresenta, ainda, o total de cerca de 960 mil habitantes, cuja idade mediana é de 38 anos, sendo predominante pardos.

Apresenta a divisão *per capita* do valor total da produção de bens, serviços, lucros e impostos, a quantia de 25.719,37⁷, quase 17 salários-mínimos. No entanto, a média salarial dos trabalhadores da cidade fica muito distante disso, não ultrapassando 1.8 salários-mínimos. Apenas 130.956 habitantes estão em postos de trabalho formais e 34,5% da população tem um rendimento mensal nominal de meio salário mínimo. A cidade produz riqueza, mas a distribui de forma tremendamente desigual. Tais números demonstram não só a violência econômica, mas ao mesmo tempo a violência política e cultural da dinâmica da cidade.

Na Educação, em 2024, está no 91º lugar do IDEB entre 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro e 5.091º entre 5.570 municípios do país. Mesmo o IDEB sendo um índice questionável, ele aponta, no mínimo, o descaso e a falta de investimento na educação tanto por parte dos Governos do Estado, quanto por parte dos prefeitos da cidade.

Seguindo uma breve apresentação do território de São Gonçalo, os nomes mais populares são, para os homens, José, para as mulheres Maria e, como na maioria dos municípios do país, o sobrenome mais comum é Silva.

Talvez por conta da violência que dizima os jovens Josés da Silva, as Marias da Silva são mais numerosas a partir da faixa etária dos 24 anos. São Gonçalo é uma cidade jovem, preta, feminina e trabalhadora, além de extremamente desigual. Uma cidade sem emprego e sem escola. Uma cidade de jovens Josés e Marias da Silva, sem trabalho e sem escola.

Juvenicídio como projeto para a juventude trabalhadora

No dia 20 de agosto de 2019 uma imagem que correu o mundo ficou gravada na memória de muitos. O então governador do Estado do Rio de Janeiro, o juiz Wilson Witzel, um desconhecido do povo fluminense até ser eleito, desce de um helicóptero em plena ponte Rio-Niterói comemorando, de forma efusiva, o abatimento de um jovem. A repercussão do fato nas mídias também registrou reações da população que iam do horror aos aplausos. Além

⁶ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>

⁷ O que o IBGE denomina PIB PER CAPTA

do Governador, o abatimento do jovem também foi comemorado por curiosos reunidos no local e endossado pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro e seus familiares.⁸

O jovem em questão, Willian Augusto do Nascimento, 20 anos, era ex-aluno da Escola Municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes, no bairro do Jardim Catarina, em São Gonçalo, e, quando foi abatido pelo atirador de elite, estudava no Colégio Estadual Pandiá Calógeras, no bairro de Alcântara, na mesma cidade. Willian sequestrou um ônibus da viação Galo Branco e, segundo a polícia, levava consigo uma arma de brinquedo, uma faca e mensagens confusas, sem ameaças de morte ou exigências. Patrícia Paula da Silva, tia de Willian relata a vida conturbada que ele teve e que “doía na alma que a gente via ele ali, pedindo socorro”.

O socorro não chegou para Willian. E nem para João Pedro, menino de 14 anos, assassinado dentro de casa com tiro de fuzil, em operação conjunta das polícias Federal, Civil e Coordenação de Recursos Especiais- CORE, no Complexo do Salgueiro, em 2020.

Resgatar a história trágica de Willian e relembrar o assassinato de João Pedro é falar do contexto de vida de milhares de jovens moradores das periferias urbanas, principalmente em São Gonçalo. A segunda maior cidade do Estado do Rio de Janeiro e a décima oitava do país é considerada, pelo Instituto Fogo Cruzado, como a cidade mais perigosa para a juventude no Estado do Rio de Janeiro⁹.

O Instituto Fogo Cruzado, que monitora a violência armada, mapeou na cidade ,47 chacinas, com 169 mortos, desde julho de 2016 até 2021 - sendo 35 delas ocorridas durante operações policiais. No Complexo do Salgueiro, houve 11 chacinas em pouco mais de cinco anos, quase a metade delas, 5 somente neste ano, diz nota do Instituto em reportagem da BBC News Brasil¹⁰.

Mas a interdição do futuro da juventude trabalhadora na cidade não se dá só pelas mãos da violência física, seja ela causada pelas forças policiais do Estado ou pelas forças do tráfico e milícia. A condição de vida que cotidianamente produz jovens sem trabalho e sem escola é uma dinâmica cruel da cidade.

⁸Mais detalhes na reportagem do Brasil de Fato, disponível no endereço: <https://www.brasil247.com/blog/governador-do-rio-comemora-com-dancinha-morte-de-sequestrador-baleado-na-s-pernas>

⁹<https://www.brasildefato.com.br/2021/09/22/pesquisa-aponta-cidade-de-sao-goncalo-como-a-mais-perigosa-para-adolescentes-do-estado-do-rio/>

¹⁰ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59382177>

A luta do Sepe e de diversos setores pela educação pública de qualidade não conseguiu impedir o avanço de políticas de fechamento de turmas, turnos e escolas, e terminamos a segunda década do século XXI com menos 32 escolas estaduais. Em número de matrículas, a rede estadual em 2010 contava com 82.721 matrículas no ensino fundamental e médio e em 2025 com apenas 39.296. Ao mesmo tempo, não houve ampliação da rede municipal que conseguisse atender a demanda por educação na cidade. Pelo contrário, a rede municipal também encolheu. Em 2025, rede municipal de São Gonçalo tinha 115 escolas, incluindo creches, e 44.506 alunos matriculados, quando em 2010 somava 48.679 ¹¹. Proporcionalmente, a rede municipal de São Gonçalo é menor rede entre os municípios vizinhos.

A título de comparação apresentamos Itaboraí¹², município vizinho, que tem uma população estimada, em 2025 segundo o IBGE, de 240 mil habitantes, sendo 3 vezes menor do que a população de São Gonçalo. No entanto, a rede municipal de Itaboraí tem 96 escolas, e 31.615 mil matrículas¹³. A educação ainda amarga Redes Públicas com prédios sem manutenção, empobrecidos, sem conforto, sem climatização, faltando professores e funcionários, sem aparelhagem suficiente para atender as necessidades de incluir os alunos nos novos códigos sociais que a cidadania e o mundo do trabalho moderna requerem.

Além disso, tanto o Governo do Estado do Rio de Janeiro quanto o Prefeito de São Gonçalo, não cumprem o Piso Nacional do Magistério, instituído pela Lei nº 11.738, e pagam menos do que o salário mínimo de piso para os servidores administrativos. A Prefeitura de São Gonçalo não cumpre a destinação de 1/3 de carga horária livre instituída pela respectiva Lei, o que agrava as condições de trabalho, sobrecarregando os professores, sendo motivo de adoecimento e abandono da rede. Segundo dados da Secretaria de Administração de São Gonçalo, de 2023 a 2025, 298 professores pediram exoneração e em 2026, até o mês de março, 37. As condições de trabalho e de salário afetam diretamente as condições de aprendizagem e permanência dos alunos nas escolas.

Para além dos muros da escola, a violência de interditar a formação integral dos Josés e Marias da Silva, é reproduzida em grau elevado e inicia na educação infantil, com a falta significativa de creches, o que, além de impedir a educação dos pequenos, também

¹¹ <https://qedu.org.br/municipio/3304904-sao-goncalo/censo-escolar>, acesso em 20 de março de 2026

¹² <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/itaborai.html>

¹³ <https://qedu.org.br/municipio/3301900-itaborai/censo-escolar>

impossibilita a continuidade da formação escolar das jovens Marias da Silva, que param de estudar para ter que cuidar de seus filhos.

Muitos jovens deixam de frequentar a escola para fazer o “corre”, expressão usada pela juventude para denominar sua busca diária pela sobrevivência econômica. Outras dificuldades de acesso e permanência na escola são determinadas por políticas de oferta de escolas em bairros distantes, falta de transporte escolar, poucas vagas e acessibilidade no horário noturno, entre outros fatores.

Governadores do Estado do Rio de Janeiro e Prefeitos da cidade harmoniosamente mantém a política de produção de jovens sem escola em São Gonçalo. O resultado desse casamento percebe-se nos números apresentados pela pesquisa feita entre 2017 e 2018, pela Bem TV Educação e Comunicação/UFRJ, com financiamento da União Europeia, onde entre os mil jovens entrevistados, na faixa etária de 15 a 29 anos, de 8 bairros de São Gonçalo, 57,8% declararam não estar estudando no momento.

A produção de juventude trabalhadora sem escola soma-se a produção da juventude trabalhadora sem trabalho. A mesma pesquisa citada acima, aponta para o percentual de 34,7% de jovens desempregados em São Gonçalo. Maior que a média nacional no período que foi de 29%. Segundo o jornalista Ancelmo Goes¹⁴, em sua coluna no jornal O Globo, um percentual maior do que na Síria em guerra civil com 30,6% e do que no miserável Haiti com 34%.

Ao mesmo tempo, os poderes constituídos teceram o avanço de políticas na cidade que empurravam a convivência e a construção de laços afetivos e culturais da juventude trabalhadora cada vez mais para espaços religiosos¹⁵ e ou privados, retirando da esfera pública a responsabilidade de efetivação de espaços culturais laicos e educativos. Museus, bibliotecas, centros culturais, enfim, espaços públicos de convivência e formação, fora da esfera comercial, são importantes aparelhos públicos que propiciam a troca de experiências e a produção cultural.

14

<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/sao-goncalo-tem-taxa-de-desemprego-maior-do-que-do-haiti.html>

¹⁵ O livro “A República abençoada de São Gonçalo”, de Maurício Mendes de Oliveira, lançado em 2023 pela Editora Apologia Brasil Ltda, traça um interessante percurso da evangelização em São Gonçalo promovida também em simbiose com o poder público, marcadamente no governo da Prefeita Aparecida Panisset e do Prefeito Neilton Mulin.

As administrações de São Gonçalo tiveram importante papel na recente modelagem religiosa da cidade. O período da gestão da prefeita Aparecida Panisset, compreendido entre os anos de 2005 e 2012, foi apontado por Oliveira (2023) em seu livro “A República Abençoada de São Gonçalo”, como o período em que as igrejas evangélicas estiveram presentes, de forma importante, na administração municipal, o que ajudou na expansão das igrejas neopentecostais na cidade.

As facilidades proporcionadas pelo poder público iam desde promoção de shows “Gospel” até transporte para eventos religiosos custeados pelo município. Ainda segundo o autor

Essas ações foram o reflexo de um “populismo rejuvenescido” com uma imponente base de sustentação, considerando que a penetração dos missionários (agora com aval estatal) junto às comunidades carentes, os transformam em multiplicadores das “benfeitorias da prefeitura”, e essa estreita interação entre segmentos religiosos e a administração municipal estimula os primeiros a acreditar que possuem “carta branca” para pôr em funcionamento práticas ilegais, como o abuso da utilização dos meios de comunicação, o “patrulhamento ideológico” e a intolerância religiosa.(OLIVEIRA, 2023,p.32 e 33)

Embora com menos intensidade na prefeitura de Neilton Mulin nos anos de 2013 a 2016, o avanço das igrejas pentecostais continuou, ainda segundo Oliveira (2023). A presença massiva das igrejas pentecostais junto às comunidades mais carentes da cidade torna a questão religiosa um importante fator na experiência de vida dos jovens em questão e influenciam diretamente nas práticas escolares, seja por parte da administração da escola, seja por parte das condutas dentro e fora de salas de aula.

Nos anos de 1950 com uma população de cerca de duzentos e cinquenta mil habitantes, a cidade contava com os cerca de 16 cinemas de “beira de rua”, que, por sua localização, facilitavam o acesso da população. Tal facilidade propiciava a criação de hábitos culturais, o contato com produções nacionais e estrangeiras, possibilitando a ampliação de visão de mundo e a constituição de relações mais variadas com o próprio espaço social da cidade. Hoje, com quase um milhão de habitantes, são poucas salas de projeção dentro de 2 grandes shoppings centers.

Mas antes mesmo da entrada da tecnologia de transmissão de conteúdos de filmes, séries e novelas, on-line, os *streamings*, os cinemas fecharam e viraram, em sua maioria, igrejas evangélicas... de “beira de rua”, o que também criou novos hábitos e novas relações

com o espaço da cidade. Não mais uma frequência para o lazer e acesso a produções artísticas. Mas para a expiação, para o descarrego das aflições cotidianas, para a busca do conforto espiritual, do acolhimento. Necessidades ampliadas com o desconforto material, cultural e espiritual que os tempos neoliberais anunciavam para uma cidade proletária. O Teatro Carequinha, para poucos lugares, construído no estacionamento da antiga Prefeitura, foi inaugurado há poucos anos. Não há museus e somente uma livraria. Hoje são centenas de igrejas e templos.

A juventude trabalhadora de São Gonçalo, cercada pelo abandono do poder público, pelo avanço das forças conservadoras e privatistas, pela violência física e institucional, pela precariedade de espaços de convívio, pelo desemprego, pela desescolarização programada, tem como desafio, além da sobrevivência imediata, incluir-se no processo social de forma crítica e autônoma. O binômio educação/trabalho apresenta-se, então, como um desafio para além dos muros da escola e da empregabilidade imediata.

A sobrevivência cotidiana dos jovens da classe trabalhadora de São Gonçalo tem como pré-condição a esperança, exercida como produção de alternativas, como motor, e que, segundo Freire (1992), é uma necessidade ontológica, um imperativo excepcional e histórico.

As lutas cotidianas pela sobrevivência da esperança

*“...eu era uma pessoa **improvável**, eu vivi em tudo que é lugar, eu já andei em tudo que é buraco, eu já fui em tudo que é comunidade, já andei no meio de bandido, polícia, ladrão, político, miliciano, tudo, se não fosse a mão de Deus me salvar, eu acho que hoje em dia não tava viva, e eu dou muito graças a Deus, da vivência que eu tive, que através dessa vivência, não que foi bom largar a escola, mas eu vivi no mundo, vi como são as pessoas, a maldade e a bondade do ser humano, eu vivi aquilo ali, e vi que aquilo não é pra mim. Hoje em dia eu penso em ter um futuro, eu voltei a estudar exatamente por isso...”*

Júlia, 29 anos, jovem sem trabalho e sem escola, 2022

Viver torna-se um ato de rebeldia, de resistência, de contraponto nessa cidade inóspita para a juventude trabalhadora. Mas os processos de resistência também são uma dinâmica cotidiana na cidade e se dão através de inúmeras alternativas no campo da apropriação do

espaço urbano, da invenção de atividades econômicas, da insistência em retomar o direito à escolarização e da criação e construção de espaços de esperança.

Faz parte desse processo de reinvenção cotidiana da vida, da apropriação do espaço urbano e de criação de espaços de esperança na cidade, o movimento cultural dos jovens e suas inúmeras manifestações, sendo a batalha do tanque uma das mais famosas.

Figura 1- Batalha do Tanque



Fonte: Site mapa de Cultura, disponível em <http://mapadecultura.com.br/manchete/roda-cultural>,

Acesso 9 mai 2023

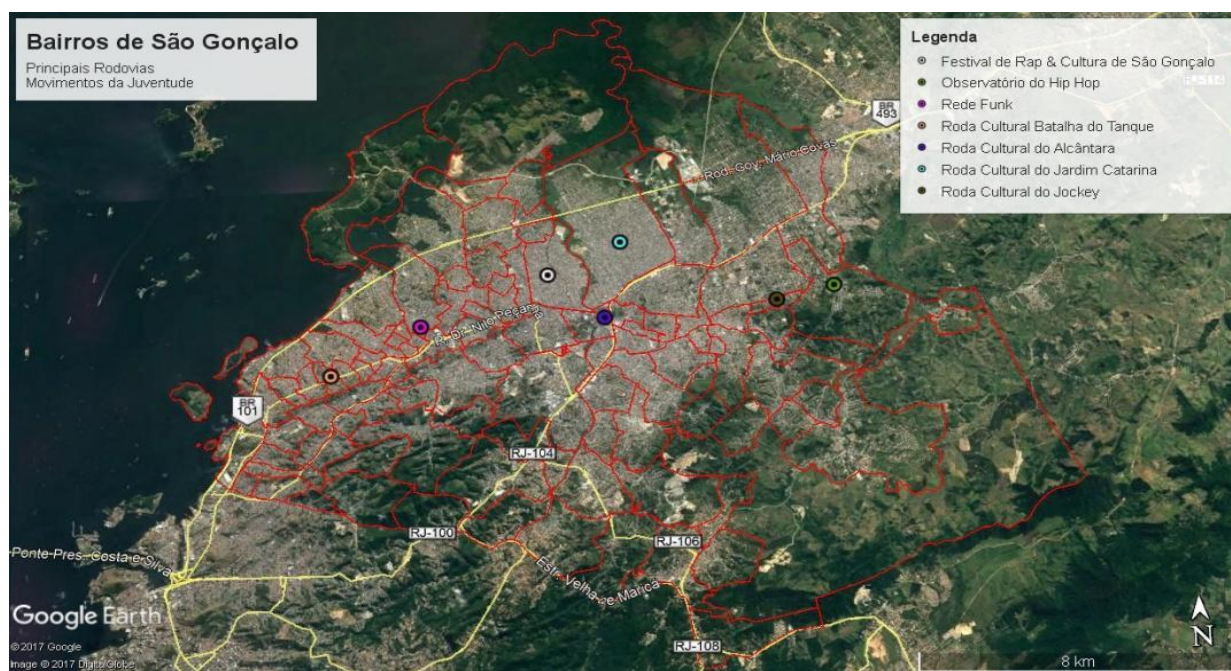
A Roda Cultural acontece toda quarta-feira na Praça dos Ex-combatentes, no Patronato, e reúne todas as tribos do movimento hip hop e de cultura urbana. O ponto alto é a batalha do tanque, uma disputa de rimas entre MCs. O encontro reúne também grafiteiros, skatistas, DJs, poetas e dançarinos de break, formando um grande coletivo em prol do movimento hip hop no local. Na batalha 'de sangue' entre MCs, a rima é usada para "derrubar" o adversário e é o público que escolhe o vencedor. Quem ganha ali se torna o *Rei do Tanque*, por causa do tanque de guerra que adorna a praça. O encontro, que chega a reunir três gerações de MCs de São Gonçalo em um só local, conta com a participação de pessoas de Niterói, Baixada Fluminense e Rio de Janeiro. (Site mapa de Cultura, disponível em <http://mapadecultura.com.br/manchete/roda-cultural> ¹⁶)

¹⁶ Site mapa de Cultura, disponível em <http://mapadecultura.com.br/manchete/roda-cultural>, Acesso em 9 de maio de 2023

Mesmo que a indústria cultural tenha encolhido na cidade, com fechamento de cinemas e casas de show, a população segue resistindo, produzindo cultura, vivenciando a cidade, tentando se apoderar do espaço, procurando tecer teias de proposições e resistências, que precisam ser expandidas e articuladas.

Em trabalho realizado por Alvarenga e Neuman (2018), os autores mapearam os espaços possíveis de felicidade e esperança nos quais os jovens de São Gonçalo se reúnem, possibilitando emergências culturais da juventude da classe trabalhadora.

Figura 2-Movimentos culturais da juventude em São Gonçalo



Fonte: ALVARENGA; NEUMAN, Felipe Leitão. A juventude na produção social do espaço: o direito à cidade em uma abordagem da cartografia da ação. Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

De todo modo, assinalam os autores, as possibilidades de se viver experiências nestas práticas socioculturais - mesmo com as dificuldades impostas pelo transporte público coletivo, cada vez mais restritos nas áreas de circulação - enlaçam possíveis sentidos de encarnação do direito à cultura. Tais práticas podem fazer emergir tensionamentos sobre demandas dirigidas à formulação de políticas públicas que aprofundem o sentimento sobre o direito à cidade, o direito ao trabalho digno e o direito à escola de qualidade.

Em relação ao direito à educação, a modalidade de educação pública mais atacada e precarizada pelo “gerenciamento racional” e seus condutores mostra-se, justamente, como um bastião de resistência dessa juventude trabalhadora em sua busca pela escolarização. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade educacional que deveria atender jovens e adultos da classe trabalhadora que foram excluídos da escolarização no padrão idade/série em vigor, encontra-se sob fogo cruzado e se vê diante de desafios imensos.

Em época recente, a EJA perdeu investimentos, conforme observado no Dossiê “Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA”. Em 2019, a modalidade contava com 3,2 milhões de estudantes, diminuindo para 2,5 milhões em 2023. Enquanto no ano de 2012, o investimento chegou a R\$ 1,4 bilhão, em 2021, reduziu para R\$ 5,4 milhões. Em 2022, mesmo aumentando o valor para R\$ 38,9 milhões, ainda ficou muito distante do patamar de 2012.

Mas a luta pela manutenção da EJA como lócus de esperança é uma realidade na cidade. A comunidade escolar da E.M. Irene Barbosa Ornelas, realizou atividade no bairro do Jardim Catarina na busca por alunos para que a EJA não fechasse naquela unidade escolar. O Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação-SEPE/São Gonçalo publicou em suas redes sociais a luta da escola em 14 de fevereiro de 2023.

Figura 3 :Atividade da Escola Municipal Irene Barbosa Ornellas



Fonte: Facebook Sepe São Gonçalo, disponível em

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1222520471703081&set=a.106408019981004>, acesso 9 mai 2023

O retorno aos bancos escolares na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Médio noturno, para aqueles jovens que ficaram na condição de sem escola durante anos, mostra-se como um contraponto à exclusão de parte da juventude trabalhadora desse espaço de formação. Uma aposta que ainda fazem na escola como espaço de esperança. Foi o que Júlia nos disse na epígrafe dessa seção:

“Hoje em dia eu penso em ter um futuro, eu voltei a estudar exatamente por isso...”
(Júlia, 29 anos, jovem sem trabalho e sem escola, 2022)

Algumas considerações sobre os futuros em curso

*Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
Antonio Carlos Belchior, 1976¹⁷*

Colocar no plural o título da última seção deste artigo- futuros em curso- tem o objetivo de reafirmar a importância da ação humana que, segundo Marx (2008) constrói a história. O jovem sem escola e sem trabalho resulta de um processo histórico, e sua atuação no território social se faz tanto na manutenção da realidade quanto na sua transformação. Os futuros estão sendo disputados. Não existe somente um futuro, mesmo que estejamos impregnados dessa noção. O futuro é, antes de tudo, possibilidade, já que é tempo vindouro. E possibilidade é a característica de oportunidade de algo acontecer. O futuro é arena de luta.

O Juvenicídio programado, que interrompe o futuro da juventude periférica no território social de São Gonçalo, é composto por diversas dinâmicas instituídas por políticas públicas, que vão desde a negação do direito à cidade, de espaços de construção de identidade social e política, passando pela implementação de políticas públicas que restringem o acesso à escola de qualidade, incluindo ainda servidores com condições dignas de trabalho e salariais. O Juvenicídio também se apresenta na falta de perspectivas de ocupações econômicas protegidas socialmente, de espaços de construções e convívios culturais, importantes na formação de um ser humano crítico e autônomo.

¹⁷ A composição “Sujeito de sorte” faz parte do álbum “Alucinação” lançado por Belchior em 1976, período de Governo do General Ernesto Geisel nos anos de Ditadura Militar no Brasil.

Mais escolas, passe livre estudantil, melhoria no transporte público, manutenção e maior financiamento da EJA, defesa da educação pública, infraestrutura e valorização com pisos salariais e planos de Carreira, material escolar, obras nas escolas, climatização das redes, são alguns elementos da pauta de reivindicações da juventude trabalhadora em relação à escola pública.

A resistência da juventude trabalhadora de São Gonçalo apresenta-se na construção de espaços alternativos culturais, no retorno aos bancos escolares, criando demandas por acesso ao espaço da cidade e mobilidade urbana, mais atendimento com qualidade nas redes públicas, espaços laicos de lazer e cultura, mais atividades econômicas socialmente protegidas. Demandas que se transformam em pautas de luta que se desenrolam no presente, na disputa pelo futuro.

A grande filósofa brasileira Marilena Chauí (2021) nos recorda que cultura é uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém, é linguagem, é arte e é também trabalho. E nos relembra que a democracia propicia uma cultura da cidadania. Nesse sentido, a resistência desses jovens reinventando um cotidiano à contrapelo em uma cidade que lhes destina a exclusão e a violência, é uma ação de contraposição a um destino programado. É construindo espaços de esperança, voltando para a escola e constituindo pautas de luta por direitos que vão moldando o futuro.

Referências

ALVARENGA, Marcia; NEUMAN, Felipe Leitão. *A juventude na produção social do espaço: o direito à cidade em uma abordagem da cartografia da ação*. In: Seminário infâncias e juventudes na cidade: um diálogo com a educação, 1. Espírito Santo. **Anais [...]**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: O direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HARVEY, David. *17 Contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo, Boitempo, 2016.

LEFEBVRE, Henry. *A cidade do capital*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *O direito à cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto do Partido Comunista*. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2008
- MOTA, Denise Guichard Freire da. *Os jovens que nem trabalham nem estudam no Brasil: Caracterização e transformações no período 2004/2015*. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- OLIVEIRA, Maurício Mendes de. *A República abençoada de São Gonçalo*. São Gonçalo, Rio de Janeiro: Editora Apologia Brasil Ltda, 2023. *E-book*.
- SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*, São Paulo: Hucitec, 1993.
- VALENZUELA ARCE, José Manuel. *Remolinos de viento: juvenicidio e identidades desacreditadas*. In: VALENZUELA, José Manuel. *Ayotzinapa y las vidas precárias em America Latina*. Barcelona: Ned Ediciones, 2015.
- VIANA, Juliana Nazaré Luquez. *Rupturas e continuidades: a produção do espaço e o processo de reestruturação: um olhar a partir de São Gonçalo, região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.